



Cult  
uras

# Mário Soares, a

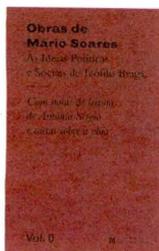
A reedição do ensaio de Mário Soares acerca da vida e obra de Teófilo Braga reproduz a primeira polémica de grande repercussão cultural e política que desencadeou, quando terminava o curso na Faculdade de Letras de Lisboa

TEXTO ANTÓNIO VALDEMAR

Li  
vros

Coordenação Luciana Leiderfarb  
lleiderfarb@expresso.imprensa.pt

40 anos depois de escrever a tese, o ex-Presidente da República, falecido em 2017, explicou que optara por Teófilo "por ter sido o grande teorizador do movimento republicano, no qual entroncavam as minhas raízes políticas e emocionais"



★★★★★

AS IDEIAS POLÍTICAS  
E SOCIAIS DE TEÓFILO  
BRAGA

Mário Soares

Imprensa Nacional-Casa da Moeda,  
2021, coord. e apresentação  
de José Manuel dos Santos,  
236 págs., €22,50  
Ensaio



# primeira polémica

A posição de Teófilo Braga (1843-1924) como intelectual, político e fundador do Partido Republicano foi objeto de um estudo agora reeditado no âmbito do lançamento das obras publicadas e inéditas de Mário Soares. Intitula-se “As Ideias Políticas e Sociais de Teófilo Braga” e destinava-se à defesa da tese de licenciatura do curso de Histórico Filosofia, na Faculdade de Letras de Lisboa. Para o grande público de hoje, e conforme salientou José Manuel dos Santos — coordenador da coleção, um dos mais próximos colaboradores de Mário Soares e seu amigo durante décadas —, esta redição pretende “tornar evidente a ligação que houve sempre em Soares entre pensamento e ato, cultura e vida, escrita e política, ideias e combate por elas”. Ainda é mais categórico ao observar: “A escrita e a política eram duas formas de fazer o mundo. Sem uma, a outra não era ela. Com as duas, cada uma era ainda mais do que era.” A dissertação de Mário Soares para a licenciatura denominava-se “Teófilo Braga — Tentativa de Determinação do Seu Pensamento Político!” Considera, logo no início, que a intervenção de Teófilo, “apesar de todas as nebulosidades, acrescentamentos, incongruências (e de tantíssimas páginas definitivamente secas, desinteressantes e inúteis) está de pé” — e, transcrevendo a opinião de António José Saraiva, constituía “uma visão de conjunto da cultura portuguesa que ainda não foi substituída”. Em redor da obra e da ação de Teófilo Braga deteve-se, fundamentalmente, numa perspetiva inovadora em Portugal da história das culturas e das ideologias, como preconizava um dos seus mestres, Vitorino Magalhães Godinho, ou como adotara um dos seus colegas, Joaquim Barradas de Carvalho, ao apresentar à mesma Faculdade de Letras e para tese de licenciatura uma dissertação sobre “As Ideias Políticas e Sociais de Alexandre Herculano”, em 1949. A tese de Mário Soares recolocava aspetos nucleares do pensamento de

Teófilo que permitiam estabelecer a controvérsia com que o país se debatia: a ausência de liberdades cívicas, a interdição dos direitos constitucionais de expressão, de reunião e associação; a exclusão de partidos políticos, um “Portugal amordaçado” pela censura, aterrorizado pelos Tribunais Plenários; vigiado e torturado pela polícia política. Um Portugal sem direito a interrogar a sua situação e a construir alternativas para o futuro; um Portugal “orgulhosamente só”, para mencionar a opção assumida por Salazar, indiferente ao isolamento internacional. Tinha Mário Soares 25 anos, mas alcançara projeção nacional: representante do MUD Juvenil na Comissão Central do MUD, desde 1945; militante do Partido Comunista em ostensiva luta antifascista; secretário-geral em 1948-1949, da candidatura de Norton de Matos. Ate então já tivera várias prisões políticas, a última das quais em 1949, quando, detido no Aljube, se casava por procuração com Maria de Jesus Barroso, sua colega na Faculdade. As abordagens de Mário Soares sobre Teófilo eram tanto mais incómodas quanto se ocupavam do “primado da política”; “a essência da política, política e história, política positiva”; “a questão do regime, problema basilar”. Outros aspetos pontuais e que constavam das reivindicações da oposição ao salazarismo: “a genuinidade da representação parlamentar”; a “descentralização municipal e federalismo”; o “sentido nacional da luta pela democracia”; a “política económica”; “problema social” (sem a amplitude formulada por Antero e José Fontana); os “métodos de luta político”; o “anticlericalismo”; e, nas considerações finais, a justificação da atualidade e permanência de Teófilo Braga. Em causa estavam as nódoas negras do salazarismo: a defesa do regime republicano quando surgiam tentativas de restauração monárquica, “a férrea centralização administrativa que esmagava a autonomia local dos concelhos”, a “influência dominante da Igreja na sociedade portuguesa

que obstava ao desenvolvimento da cultura nacional”; a defesa de eleições honestas perante a falsificação do sufrágio que iludia a vontade nacional. Qual o motivo por que escolheu Teófilo Braga? A 40 anos de distância, explicou que optara por Teófilo “por ter sido o grande teorizador do movimento republicano, no qual entroncavam as minhas raízes políticas e emocionais”. “Teófilo foi também um símbolo do homem político austero e virtuoso, cuja ação desinteressada foi feita de devoção cívica à res publica e de empenhamento patriótico, nos antipodas da prática dos homens do Estado Novo”, acentuou. Faziam parte do júri os professores Matos Romão, diretor da Faculdade, Vieira de Almeida e Délio Santos. Este último, o arguente, era apoiante incondicional do regime de Salazar. Referiu-se, de imediato, em termos pejorativos ao trabalho, classificando a tese destituída de “qualquer valor e apenas um trabalho de especulação política”. Mário Soares tomou de imediato uma atitude radical. Tirou o exemplar da tese da mão de Délio Santos e exclamou: “Vou-me embora, isto é uma pouca vergonha, não tenho nenhuma consideração por si.” Mário Soares desencadeava a primeira das grandes polémicas da sua carreira. Délio Santos, professor de Filosofia, terá sido escolhido para desencadear um conflito e intimidar o candidato? Ele desempenhava o cargo de deputado pela União Nacional na Assembleia Nacional. Vieira de Almeida, aluno de Teófilo, crítico do seu pensamento, opositor confesso de Salazar e também subscritor do programa do MUD, não reprovava a tese nem o candidato. E Matos Romão, protegido de Teófilo, ainda colega deste durante mais de uma década, governador civil de Portalegre durante a Primeira República e subscritor do MUD? Será acusado por Soares de ter sido incapaz de evitar um confronto que visava “desistir antes da discussão da tese”. Seja como for: Mário Soares concluirá, em julho de

1951, a licenciatura em História e Filosofia, mas com outra dissertação, “Oliveira Martins e o Fontismo: Monografia de História”. Com o título “As Ideias Políticas e Sociais de Teófilo Braga” e prefácio de Vitorino Magalhães Godinho, a tese viria a ser publicada em livro em outubro de 1950. Teve o maior impacto. Conhecedor de tudo o que aconteceu, Álvaro Salema comentava na “Seara Nova”: “A agressão reles e desleal do que há de pior no nosso ambiente universitário.” Mário Soares seria muito mais explícito ao recordar que a Faculdade de Letras de Lisboa concentrava, na sua maioria, a “incompetência e desinteresse dos professores; sentimento generalizado de que a cultura verdadeira nada tinha a ver com as bizantinas matérias ensinadas; revoltantes injustiças nas classificações; absoluta falta de estímulo; arreigada convicção de que só a mediocridade e a subserviência seriam premiadas poderiam finalmente triunfar”. Todo o processo agora reconstituído insere-se numa edição fac-similada que reproduz as notas de leitura de António Sérgio; a apresentação de José Manuel dos Santos, “As Duas Asas do Voo”, completada com a “História de um Livro” por Pedro Marques Gomes e Teresa Clímaco Leitão. Entre os inéditos, uma carta de Delfim Santos (1907-1966), com data de 21 de dezembro de 1950, mesmo em cima da polémica, demarcava-se dos outros professores da Faculdade de Letras, ao felicitar Mário Soares “pelo esforço de compreensão da história viva, pela sua objetividade e imparcialidade no tratamento de temas que poderiam facilmente descair na diatribe sectarista ou partidária”. A este testemunho e ao prefácio de Magalhães Godinho destaco a indicação de Jacinto do Prado Coelho no “Dicionário da Literatura Portuguesa Brasileira e Galega” e do jesuíta Domingos Maurício na entrada sobre Teófilo na enciclopédia “Verbo”. Ambos incluíram, nas obras de consulta, a propósito de Teófilo Braga, o estudo de Mário Soares. ●